

EXPOSIÇÕES DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA: UMA TRAJETÓRIA

Viviane Wermelinger Guimarães

viviane.wermelinger@usp.br

A pesquisa busca conhecer e analisar a trajetória das exposições museológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina (MARQUE-UFSC) para discutir um programa de exposições para a Instituição que esteja de acordo com a concepção contemporânea de museu tendo como diretriz a participação ativa do público nos processos expográficos.

Os documentos, publicações e entrevistas sobre as exposições do Museu nos mostraram a trajetória dos processos expográficos e nos ajudaram a refletir sobre os caminhos possíveis para a construção de uma política de comunicação museológica.

Palavras-chave: Comunicação Museológica, Exposição, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

As exposições museológicas são o principal meio de comunicação entre o museu e o público. Nesse espaço, o patrimônio cultural preservado e pesquisado é comunicado, proporcionando que as exposições sejam espaços de reflexão e apropriação do patrimônio.

O tema central da pesquisa está relacionado às exposições museológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina (MARquE-UFSC). Analisamos os caminhos percorridos pelo Museu na área de comunicação museológica e discutimos a potencialidade que as exposições têm de aproximação do público principalmente de grupos que possuem sua cultura material preservada na Instituição, no caso do MARquE-UFSC os grupos indígenas e tradicionais da região. Proporcionando ao Museu a abertura para a inserção desses grupos em seus processos museológicos, para que se torne um espaço legítimo de participação e preservação do patrimônio cultural.

Nesse sentido, apresentaremos nesse artigo um recorte da pesquisa de mestrado¹ referente ao levantamento das exposições temporárias e itinerantes do Museu. O levantamento nos trouxe diversas reflexões sobre a atuação da Instituição junto ao público e subsídios para pensarmos em uma política institucional de exposições que tenha como diretriz a participação do público nos processos museológicos.

O MARquE-UFSC é um Órgão Suplementar da Universidade Federal de Santa Catarina, situado no *Campus* Universitário na cidade de Florianópolis. A natureza do seu acervo é de antropologia e etnografia e arqueologia. Atualmente o seu acervo está dividido em três segmentos: Coleção Arqueológica, Cultura Popular e Etnologia Indígena.

Utilizamos como metodologia para a pesquisa o levantamento dos relatórios institucionais do Centro de Documentação da Instituição, os Anais do Museu de Antropologia nas edições de 1968 a 1983, para averiguação dos registros sobre exposições, assim como outras documentações

dos processos expográficos pertinentes. Outra fonte utilizada foi o Jornal Universitário da Agência de Comunicação da UFSC, notícias na página da internet da UFSC, para entender a repercussão que o Museu e suas exposições vinham alcançando.

Entrevistamos três funcionários da Instituição: Cristina Castellano, Maria Dorothea Post Darella e Gelci José Coelho. Os entrevistados foram selecionados pelo longo período de trabalho na Instituição e porque, pelos documentos, percebemos que os três atuaram em diversas exposições do Museu entre 1975 e 2013, período que compreende a pesquisa.

A formação do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE) tem na sua origem o Instituto de Antropologia, criado por meio da Resolução n.º 017/68 do Conselho Universitário, do dia 2 de maio de 1968, seis anos depois da criação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1962.

Em 29 de maio de 1968, inaugurou-se a sua sede própria, uma edificação reformada e adaptada, a qual integrava o complexo da antiga Fazenda Experimental Assis Brasil, cujo espaço foi transformado no atual *campus* universitário. O Instituto de Antropologia possuía as divisões de Arqueologia, Antropologia Física e Cultural, abrigando laboratórios, biblioteca e sala de exposição para os objetos oriundos de pesquisas de campo que já formavam o acervo arqueológico, etnológico-indígena e de cultura popular.

A reforma universitária implantada na UFSC em 1970 culminou na transformação do Instituto de Antropologia em Museu de Antropologia, pois uma vez que acreditavam na época que a palavra Instituto era incompatível para a estrutura da Universidade que contava com departamentos, centros e sub-reitorias.

No momento em que é denominado Museu, o público interno, os profissionais, e externo, o visitante, passam a procurar o Museu para conhecer o acervo originário das pesquisas arqueológicas, etnológicas e de antropologia física. Entretanto, os pesquisadores não estavam preparados para o atendimento ao público, principalmente o externo à Universidade e o escolar, e as instalações não contemplavam espaço para exposições do acervo. Então, foram construídos três anexos para abrigarem as exposições.

Nesse momento as exposições começam a fazer parte do cotidiano da Instituição, com uma interrupção no período entre 2003 – 2011 devido à demolição dos espaços expositivos para a construção de um novo prédio, denominado Pavilhão de Exposições, concebido para abrigar as atividades de comunicação museológica.

Os dados sobre as exposições nos trazem a percepção que desde a sua inauguração, ainda como Instituto de Antropologia (1968), existia uma preocupação em expor os acervos coletados nas pesquisas de campo realizadas, conforme relatado na carta publicada nos Anais de Antropologia:

O equipamento de suas várias salas e laboratórios parece excelente, os **salões de exposição** são da mais alta qualidade, e estamos certos de que essas acomodações permitirão a esse Instituto crescer de maneira que dentro de poucos anos o Senhor necessitará de uma nova ala. (CARTA...1969. p. 215, grifo nosso).

No fim da década de 1970 a abertura das salas de exposição e a vinda da obra do artista Franklin Cascaes² proporcionou a ampliação das exposições e do público no Museu, conforme relata Gelci José Coelho:

[...] Mas eu tinha conhecido diferente Franklin Cascaes. Franklin Cascaes já estava por ali porque ele estava suprindo um setor dentro do Museu, porque o Museu era dividido em três setores: arqueologia, etnologia indígena e cultura popular. E daí nessas de eu procurar ele tinha um menino Jesus de tamanho natural, e é uma tradição nossa descendente de açoriano montar presépio, lá em casa sempre montamos presépio. E eu desafiei lá o Alroino³ dizendo que eu sabia como que fazia pra trazer público pro museu. Disse: “como?”. Aí eu disse essa coisa, não é? O escândalo é a base do sucesso, que hoje eu mudo pra a polêmica é a base do sucesso. [...] Eu me lembrava de coisas de quando eu era guri, por exemplo o Natal da gente era ir ver o presépio montado dentro da catedral, que era o Franklin Cascaes que montava, e coisas que ele fez dos presépios que eu vi e nunca saíram da minha memória. [...] Um era uns negócios de bambuaçu, mas os anjos estilizados de piteira. [...] E ali ele fazia duas asas, um corpo, uma cabeça de cacto e cabelo de barba de velho e era um anjo estilizado, e aquilo ficava na minha memória. Em conversa com ele eu lembrei isso, desse anjo. E a idéia era fazer agora uma instalação artística, ainda nem se falava nisso nessa época. Mas a idéia era montar um grande presépio extraordinário com aquelas folhas, aquela coisa, porque ele já falava muito da defesa da natureza da ilha. E aí, nós fizemos, montamos ali, um trabalho imenso, um grande presépio na frente do Museu da Universidade, naquele campo ali, aquele flamboaiã, um grande presépio. Quando a gente “tava” montando aconteceu uma reunião lá no Museu, e nessa reunião tinha pessoas importantíssimas, gente de altíssima consideração dizendo que aquilo era um absurdo permitir uma coisa dessas dentro da Universidade, ainda na frente do Museu. Quando eu ouvi isso eu fiquei entusiasmado dizendo “é um sucesso”, [...]. E eu achei que era um sucesso, e não deu outra, menina. O presépio era tão extraordinário, tão extraordinário, que a única pessoa normal era o menino Jesus, o resto era estilização usando material recolhido na natureza da ilha pra mostrar a fragilidade dessa natureza.

[...] E naquele entusiasmo todo nós montamos o presépio e literalmente a Universidade foi invadida pela comunidade, curiosos, eram multidões que se dirigiam. O povo nunca tinha ido ao campus, era lugar de doutor, e pela primeira vez eles foram, iam pra ver o museu. (COELHO, 2014).

No período de 1971 – 2000, percebemos que as exposições eram concebidas setorialmente, pelos Setores do Museu – Arqueologia, Etnologia Indígena, Cultura Popular e Museologia do Museu, e muitas vezes eram realizadas por iniciativas individuais dos funcionários. Ao perguntarmos ao Gelci Coelho (2014) sobre a forma de atuação da equipe nos processos expográficos, ele afirma

que realizava todo o processo sozinho, que poucas vezes algum funcionário participava. Cristina Castellano (2014) afirma que, na época que começou a trabalhar no Museu (1989), participou tangencialmente, pois o profissional responsável era o Gelci Coelho, e praticamente todas as ações eram realizadas por ele. Mas no fim da década de 1990, começou a fazer algumas propostas de exposições; no período de 1989 – 2000, mas que existia pouca participação da equipe nos processos expográficos.

Outro ponto que cabe destacar é que as exposições, em grande parte, foram realizadas pelo Setor de Cultura Popular com o acervo ou reproduções da Coleção Elizabeth Pavan Cascaes e também instalações artísticas⁴ inspiradas nas suas obras. A presença do artista e da sua obra no Museu foi relatada como uns dos marcos principais para a sua abertura ao público, principalmente quando Gelci Coelho começa a trabalhar na Instituição (1975) e passa a fomentar exposições com o acervo do artista.

A atuação de Gelci José Coelho também foi importante para a ampliação das exposições, principalmente depois da sua formação no curso de especialização em Museologia na Fundação Escola de Sociologia e Política em São Paulo (1978), coordenado por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri⁵. Acreditamos que o curso proporcionou a Gelci Coelho trabalhar e construir uma relação mais próxima entre o público e a Instituição, de acordo com os preceitos da museologia da época e do conceito de “fato museológico”⁶ de Guarnieri, conforme relata em sua entrevista⁷.

Levantamos 372 exposições⁸ (1971-2014), onde 106 exposições (29%) utilizavam a obra do Franklin Cascaes e 31 instalações artísticas (8%) inspiradas na sua obra. Pela tabela abaixo, podemos ver que, no universo das exposições com o acervo de Cultura Popular, 84% teve no seu discurso expográfico a obra do artista Franklin Cascaes.

Tabela 1 – Número de exposições do MARquE-UFSC dividido por coleções museológicas no período de 1971-2014

Exposições	Quantidade
Cultura Popular	126 (34%)
Etnologia Indígena	68 (18%)
Arqueologia	32 (9%)
Utilizando duas ou três coleções	3 (1%)

Fonte: Elaboração da autora da pesquisa, com base em documentos consultados.

No período entre 1982 e 2000, as exposições ficavam abertas ao público por um curto espaço de tempo. A maioria delas permanecia um mês na Instituição, e grande parte das temáticas era repetida todos os anos, fazendo parte de um projeto coordenado por Gelci Coelho, denominado como Calendário Cultural de Exposições.

Essas exposições eram montadas de acordo com um calendário. Encontramos nesse período no mês de fevereiro sete exposições com referência ao Carnaval na região; no mês de abril dezoito exposições que tinham como tema a cultura indígena, em referência ao Dia do Índio – 19 de abril; e em outubro, conhecido como o mês das crianças, mapeamos sete exposições que abordavam o universo infantil. Em junho e julho oito exposições com a temática de Festa Junina. Na época das Festas Natalinas, eram montadas exposições de Presépios do acervo de Cultura Popular e de artesões da região da Grande Florianópolis e instalações artísticas da representação de Presépio em tamanho natural.

O Museu, por possuir uma Coleção de Cultura Popular no seu acervo, construiu na época (1982 e 2000) uma relação com grupos de pessoas da região. A região da Grande Florianópolis possui grupos tradicionais que produzem trabalhos em cerâmica, renda e tecelagem, e constatamos trinta e quatro (13%) exposições de trabalhos dos artesões locais no Museu. Em relação à metodologia para a concepção dessas exposições, Dorothea Darella (2014) relata a existência da participação dos grupos nos processos:

No que se refere a exposições relacionadas ao então Setor de Cultura Popular (pesca, engenhos – farinha de mandioca etc.), a resposta é positiva. Tratava-se de atividades organizadas pelo museólogo e posteriormente diretor do Museu Gelci José Coelho (Peninha), que somava inclusive apresentações de grupos culturais de descendência açoriana (dança, canto etc.).

Em relação às exposições na área de etnologia indígena podemos constatar que 18% das 372 exposições tinham essa temática. Como foi dito anteriormente, no mês de abril, quando se comemora o dia do Índio no Brasil, dezoito exposições foram montadas no Museu; algumas delas utilizaram o acervo da Instituição e outras usaram trabalhos em argilas confeccionados em oficinas pelo público ou por funcionários do Museu.

As exposições com temática indígena fez parte de alguns eventos acadêmicos e políticos⁹ relacionados aos grupos indígenas. O MARquE-UFSC, desde a época do Instituto de Antropologia até o momento, tem um trabalho com os indígenas que estão no estado de Santa Catarina, principalmente, os Guarani e o Xokleng/Lâklanõ. A sua equipe está envolvida em projetos em parceria com os grupos indígenas, em relação à demarcação de territórios, à preservação cultural, à educação, entre outros. Grande parte das exposições dessa temática, conforme relata Dorothea Darella (2014), “foi concebida por via trabalhos de campo e atuações que vinham sendo efetiva-

das no Museu com comunidades localizadas, a princípio, na Grande Florianópolis”. Diante desse cenário, podemos destacar duas exposições organizadas pelo Museu que tiveram a participação ativa de comunidades indígenas: na década de 1990, relata Cristina Castellano (2014), houve uma experiência¹⁰ junto com uma população indígena, e em 2011, com os alunos Guarani, Kaingang e Xokleng/Lãklanõ do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica – UFSC¹¹, na exposição “Guarani, Kaingang e Xokleng: Memórias e Atualidades ao Sul da Mata Atlântica que utilizou o método cooperativo¹² com os alunos indígenas.

Em relação ao acervo e às pesquisas arqueológicas do Museu, podemos constatar que foram realizados poucos processos comunicacionais (1971–2013) nessa área.

Na pesquisa, levantamos 32 (9%) exposições que tinham a temática de arqueologia na sua concepção. Dessas exposições, sete não foram organizadas pela Instituição e nem foram em seus espaços, somente o acervo arqueológico foi emprestado para compor exposições de outras instituições. Somente 13 exposições concebidas pelo Museu utilizaram o acervo arqueológico nas suas concepções.

CONSIDERAÇÕES

As informações levantadas e apresentadas nos trouxeram algumas indagações sobre os processos de concepção das exposições apresentamos para debate.

Pouco menos da metade das exposições (43%) foi concebida utilizando o acervo museológico. O Museu montou diversas exposições (44%) em espaços externos, proporcionando assim a ampliação e a democratização do acesso ao patrimônio e ao conhecimento. Os seus espaços museológicos foram abertos a diversos grupos e pessoas para que fossem realizadas exposições (49) com seus objetos culturais. Iniciativas pontuais (2) com a participação ativa de atores sociais foram experimentadas em processos expográficos.

Podemos dividir em três momentos os processos expográficos: o primeiro na época do Instituto de Antropologia (1968–1970), quando as exposições eram ferramentas didáticas para aulas dos cursos superiores da área de ciências humanas e sociais.

O segundo momento (1971–2011) surge quando passa a ser denominado Museu, nesse longo período, a Instituição começa a abrir as portas para o público externo e realiza diversas exposições com seus acervos, objetos de grupos ou de pessoas da região da Grande Florianópolis, de grupos indígenas e acervos de outras instituições museológicas.

Com a abertura do Pavilhão de Exposições, em 2012, temos o terceiro momento, em que os espaços foram projetados para abrigar exposições museológicas e possuem condições ideais para receber os acervos museológicos e o público: controle de temperatura e umidade, iluminação, acessibilidade física, entre outros. Além da mudança estrutural, a metodologia de trabalho da equipe também passou por modificações, pois os profissionais participam dos processos compondo uma

equipe interdisciplinar e utiliza em alguns processos expográficos o método cooperativo.

Vimos que o Museu passou e passa por um processo de transformação buscando cada vez mais uma aproximação com o público por meio dos seus processos museológicos, principalmente os processos expográficos, proporcionando a apropriação do patrimônio preservado.

Atualmente existe a preocupação com a abertura dos museus ao público e com a democratização do acesso ao acervo por meio de exposições. As exposições estão se adequando, cada vez mais, aos processos contemporâneos museológicos, expandindo os sujeitos museográficos (CANEVACCI, 2012), inserindo ativamente grupos que possuem seus patrimônios culturais preservados pela Instituição nos processos expográficos.

O levantamento da trajetória do MARquE-UFSC, com foco nas suas exposições museológicas nos trouxe alguns pontos para reflexão: a transformação de Instituto em Museu proporcionou mudanças significativas nos processos e objetivos da Instituição, mas ao mesmo tempo percebemos um fio condutor nessas mudanças, pois ao pensarmos na atuação do Instituto, percebemos que não se difere de um museu universitário, pois seu processo curatorial é similar, a mudança está no alcance do processo de comunicação museológica.

Algumas exposições concebidas pelo Museu proporcionaram uma atuação mais ativa do público, já que ele fazia parte dos processos. Podemos destacar o trabalho do artista Franklin Cascaes, pois sua obra era baseada em pesquisas etnográficas na região onde o Museu está inserido. Após a pesquisa e a produção de sua obra, retornava ao local para expor os seus trabalhos, valorizando a parceria na pesquisa com a população local. A entrada de Franklin Cascaes (1970) na Instituição fomenta, ainda mais, a aproximação das pessoas da região. Então o Museu, além de ferramenta comunicacional, torna-se referência para a cidade. O público, grande parte pertencente a grupos tradicionais, começa a aproximar-se ao ser ver retratado nas exposições, com obras que representam os seus universos: seus trabalhos, suas crenças e seu cotidiano. A partir dessa aproximação, o Museu abre suas portas para que os grupos tradicionais exponham suas criações, participem de algumas exposições e apresentações de danças. As participações dos grupos tradicionais e de outras pessoas foram pontuais, mas acreditamos que contribuiu para diminuir a distância do público com o Museu, principalmente por ser um Museu de uma universidade, que, embora pública, sabe-se que seu acesso nem sempre é democrático como gostaríamos.

O Museu, durante um longo período, que podemos datar como da segunda metade da década de 1970 ao fim da década de 1990, esteve aberto ao público, cumprindo o seu papel de porta de entrada para a Universidade.

Concomitantemente, as ações políticas e de pesquisa da equipe do Museu junto aos grupos indígenas que vivem no sul do Brasil também proporcionou a aproximação desses grupos com a Instituição, e constatamos que algumas exposições concebidas pelo Museu tinham um caráter

político.

Por meio dos trabalhos de campo, eram levantadas questões sobre a causa indígena, como: território, territorialidade, patrimônio material e imaterial, entre outras que depois eram apresentadas ao público expograficamente.

As exposições sofreram interrupções (2000–2012) devido às instalações físicas da Instituição. Nesse momento, apesar de algumas exposições serem montadas em outros espaços, a aproximação da Instituição com o público diminui e as ações são voltadas aos processos internos, proporcionando um hiato entre o patrimônio cultural preservado e o público.

Em vista dessas questões e do fato de acreditar nas potencialidades dos museus como promotores do desenvolvimento local e da transformação do patrimônio em herança cultural, que começamos esta pesquisa. Percebemos que o MARQUE-UFSC, por possuir acervos museológicos de natureza antropológica, e pelo seu histórico de atuação com grupos tradicionais e indígenas da região, pode construir uma relação próxima com o seu público, inclusive introduzindo-o em alguns processos museológicos.

Por meio do levantamento e da análise das exposições museológicas do MARQUE-UFSC podemos pensar uma política de exposições para o Museu que tenha como diretriz a participação ativa do público, para que posteriormente seja ampliada em outros processos museológicos.

NOTAS

¹ GUIMARÃES, Viviane Wermelinger. Exposições museológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina: espaço para construções de parcerias. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia – Universidade de São Paulo, 2014.

² Franklin Joaquim Cascaes (1908 – 1983) artista nascido em Florianópolis – SC, materializou em forma de desenhos e esculturas ao longo de décadas (1940 – 1980) as transformações que ocorriam na Ilha de Santa Catarina e litoral próximo, bem como o dia a dia, o sagrado e o profano, o negro, o índio, os descendentes de açorianos, de madeirenses, de portugueses, entre outros. (GHIZONI, 2011). Assim, passou a integrar o acervo do Museu, um arquivo composto por mais de três mil peças em cerâmica, madeira e outros materiais, e mais de oitocentos desenhos, gravuras e escritos de autoria de Franklin Cascaes, doado por ele mesmo. Esse acervo, denominado “Coleção Professora Elizabeth Pavan Cascaes”, até hoje se encontra no Museu Universitário, e tem forte apelo popular devido à notoriedade de Cascaes nos estudos em relação à ocupação humana da Ilha de Santa Catarina. (NECKEL, R; KÜCHLER, A. D. C., 2010, p. 268).

³ Alroino Baltazar Eble – Diretor do Museu no período de 1975 a 1976.

⁴ Obras artísticas produzidas em tamanho natural com materiais efêmeros de diversas temáticas

relacionadas ao cotidiano e crenças da região.

⁵ A professora e museóloga Waldisa Rússio foi uma das personalidades centrais, no Brasil e fora dele, para o estabelecimento das bases do pensamento museológico contemporâneo. Waldisa coordenou diversos projetos de implantação de museus estaduais entre o final da década de 1960 e durante toda a década de 1970. No final da mesma década, foi a principal responsável pela constituição do primeiro curso de pós-graduação em Museologia do País, iniciado em 1978 na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. (MATARAZZO, 2010. p. 15)

⁶ O principal conceito elaborado e trabalhado pela museóloga e que expressa ainda a sua atualidade é o conceito do “fato museológico”. O “fato museológico”, entendido como a profunda relação entre o homem, ser que conhece, e os objetos de sua realidade e resultados de sua ação transformadora. Waldisa, ao estabelecer o foco da Museologia sobre a relação social inerente entre os seres humanos e os objetos representantes de sua memória, propõe uma mudança radical no foco de atuação dessa disciplina. A abordagem teórica passa a ser direcionada ao estudo crítico dos processos sociais dos quais os objetos se tornam testemunhos de uma memória específica e não mais o estudo dos objetos isolados dentro de um museu, sacralizados e desprovidos de um contexto histórico. (MATARAZZO, 2010. p. 15, grifo do autor).

⁷ COELHO, 2014.

⁸ Levantamos exposições temporárias, itinerantes, visitantes, longa duração e exposições que utilizaram o acervo do MARQUE-UFSC. (GUIMARÃES, 2014. p. 149 – 209).

⁹ Projeto “Diversidade Cultural – Desvelando Povos e Movimentos Indígenas no Brasil e em Santa Catarina” (1996), onde foram realizadas oito exposições abordando diversas culturas indígenas e duas delas utilizaram o acervo do Museu. Outras exposições também foram concebidas em eventos, como: “Realidade das aldeias dos Guarani-Mbyá de Massiambu e Morro dos Cavalos – Palhoça –SC”, como parte do 7.º Encontro das Comunidades Eclesiais de Base (1996); “Os Guarani no litoral de Santa Catarina” no evento Nossas Florestas, nossa herança (1997); no 3.º Encontro Ibero-Americano de Unidades Ambientais do Setor de Transporte fez parte a exposição “Sítios Arqueológicos e Comunidades Guarani na Área de Influência das Obras de Duplicação da BR 101 em Santa Catarina” (1998); “Como seguir [sendo] Guarani agora?” (2001), exposição que contou com depoimentos dos índios Guarani e fez parte do IV Encontro Nacional sobre a Atuação do Ministério Público Federal na Defesa das Comunidades Indígenas e Minorias, na Assembleia Legislativa de Santa Catarina e no Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC, entre outras.

¹⁰ Não encontramos na documentação mais informações sobre essa exposição.

¹¹ Curso criado em 2010 que tem como enfoque “Territórios indígenas: questões fundiária e ambiental no Bioma Mata Atlântica”, podem candidatar-se ao curso os povos indígenas que vivem na parte meridional do Bioma Mata Atlântica: Guarani (ES, RJ, SP, PR, SC, RS), Kaingang (SP, PR,

SC, RS) e Xokleng/Laklanõ (SC), com Ensino Médio completo. O curso é realizado em regime presencial especial com etapas concentradas e é desenvolvido na “Pedagogia da Alternância: Tempo Universidade e Tempo Comunidade”.

¹² O método cooperativo incorpora, ao método em equipe, representantes das culturas tratadas na formulação da enunciação expositiva. A incorporação coloca a narrativa expositiva na primeira pessoa, EU/NÓS, ao passo que no processo em equipe a narrativa é colocada na terceira pessoa, ELE/ELES (CURY, 2012).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANEVACCI, M. Comunicação museográfica: autorrepresentação, arte pública, culturas expandidas. In: Questões indígenas e museus: debates e possibilidades.

Brodowski: ACAM Portinari/Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo/Secretaria de Estado da Cultura (SEC), 2012. p. 78 – 89.

CARTA de congratulação enviada ao Professor Oswaldo Cabral por Clifford Evans e Betty J. Meggers do Smithsonian Institution de Washington. In: Anais do Museu de Antropologia. Anual. Continuação de Anais do Instituto de Antropologia. Florianópolis: UFSC, 1969. p. 215.

CASTELLANO, C. As exposições museológicas do MARquE-UFSC, Florianópolis. 13 maio 2014. Entrevista concedida à pesquisadora. Viviane Wermelinger Guimarães.

COELHO, G. J. As exposições museológicas do MARquE-UFSC, Palhoça. 4 fev. 2014. Entrevista concedida à pesquisadora. Viviane Wermelinger Guimarães.

CURY, M. X. Museologia, comunicação museológica e narrativa indígena: a experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuîre. In: Museologia & interdisciplinaridade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Brasília, v. 1, n. 1, p. 49–76, jan./jul. 2012.

GHIZONI, V. R. Conservação de acervos museológicos: estudo sobre as esculturas em argila policromada de Franklin Joaquim Cascaes. Florianópolis, SC, 2011 210 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2011.

GUARNIERI, W. R. C. Museologia e identidade. In: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. v. 1. p. 176–185.

GUIMARÃES, V. W. Exposições Museológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina: espaços para construções de parcerias. São Paulo, SP, 2014. 228 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação Interunidades

em Museologia, São Paulo, 2014.

MATARAZZO, A. Apresentação. In: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. v. 1.

NECKEL, R; KÜCHLER, A. D. C. (Org.). UFSC 50 anos: trajetórias e desafios.

Florianópolis: UFSC, 2010. 480 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Revista comemorativa dos 30 anos do Museu Universitário “Oswaldo Rodrigues Cabral”, Florianópolis, 1998. Disponível em:

http://www.museu.ufsc.br/downloads/revista_mu_ufsc_30anos.pdf. Acesso em: 14 ago. 2013.

